

A PRIMEIRA RECEPÇÃO DE NIETZSCHE NO BRASIL PELA ESCOLA DE RECIFE [The first reception of Nietzsche in Brazil by The School of Recife]

Tiago Lemes Pantuzzi¹

Resumo: A Faculdade de Direito de Pernambuco é o ponto inicial da recepção brasileira de Nietzsche. A Escola de Recife surge de um movimento intelectual dentro da faculdade pernambucana que, entre seus objetivos, busca construir uma identidade cultural nacional que se distancie do predomínio europeu. Em meio a esse movimento, encontramos a citação explícita mais antiga do filósofo alemão que nos leva ao texto de Tobias Barreto de 1876. Nesse período, muitas obras que fariam parte da formação de alunos vindouros, como José Oiticica e Gilberto Amado, são adquiridas pela instituição pernambucana.

Palavras-chave: Nietzsche, recepção, Escola de Recife, Tobias Barreto, José Oiticica, Gilberto Amado.

Abstract: The Faculty of Law of Pernambuco was the starting point for Nietzsche's reception in Brazil. Escola de Recife (Recife School) emerged from an intellectual movement within the Pernambuco faculty which, amongst its goals, aimed to build a national cultural identity to dissociate from the European predominance. Within this movement, we can find the oldest explicit quotation credited to the German philosopher, which takes us to a text by Tobias Barreto from 1876. In this period, several works which would be included in the formation of future students, such as José Oiticica and Gilberto Amado, were acquired by the institution in Pernambuco.

Keywords: Nietzsche; reception; Escola de Recife; Tobias Barreto; José Oiticica; Gilberto Amado

Em vista da falta de trabalhos filosóficos acerca da recepção, vale destacar o ensaio de Scarlett Marton, que analisa justamente esse tema e assevera sua importância. Na obra *Extravagâncias: Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*, ela escreve sobre a necessidade de trabalhos que explorem a recepção de ideias filosóficas na cena brasileira. Segundo Marton, o traçado da formação acadêmica e os seus métodos não propicia a investigação sobre o percurso intelectual dos autores com que os estudantes têm contato. Ainda não se sabe como inúmeras ideias filosóficas chegaram ao Brasil, mesmo que essas ideias tenham tido impacto na cultura, na sociedade ou na política². Há uma lacuna que ainda não foi preenchida que está entre os leitores e as obras, o preenchimento desse espaço pode satisfazer questões acerca da formação do pensamento brasileiro.

¹ Mestre em Filosofia na USP.

² Cf. MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial, 2001. p. 253.

No Brasil, o documento mais antigo com uma citação explícita de Nietzsche está nos escritos de Tobias Barreto. O documento de 1876 guia-nos para a Faculdade de Direito de Pernambuco. A compreensão do que se encontra acerca do pensamento nietzschiano nas citações dos alunos do Recife está conectada com a motivação intelectual que surgia naquele momento. Segundo o historiador Boris Fausto, o período regencial é um dos mais movimentados na história do Brasil e dá força ao maligno vapor pernambucano.³ A Escola do Recife está entre resultados e consequências desses acontecimentos e da turbulência política pela qual o país passava, pois estava em discussão a unidade territorial do Brasil e a província da qual Pernambuco fazia parte.

Em meio a toda essa agitação e efervescência aparece o movimento intelectual na Faculdade de Direito de Pernambuco que resulta na famosa Escola do Recife, a célebre instituição contava com reflexões filosóficas e jurídicas na tentativa de criar uma identidade cultural. As discussões filosóficas ganhavam a mesma importância que os assuntos jurídicos, retirando o direito de seu altar sagrado. Famosa pelos estudos políticos, o foco da Escola também caminhava pelo terreno da literatura e da poesia, mas passou a ter a filosofia como elemento unificador, já que o corpo docente e discente sempre incluía a discussão filosófica nas disciplinas jurídicas. Entre os inúmeros objetivos da Faculdade pernambucana estava o desenvolvimento de uma autonomia nacional e a tentativa de construir uma individualidade, algo que não se pautasse somente nas influências europeias. Essa incumbência cultural no Recife era tão importante que o grupo formado por Barreto continuou com essa missão mesmo após a morte do fundador da escola.

O registro mais antigo da obra de Nietzsche no Brasil está na publicação da revista *Estudos Alemães* de Tobias Barreto. O professor sergipano publicou vários trabalhos sobre escritores da Alemanha nos jornais dos quais fez parte, sendo inclusive editor e redator de um jornal em alemão que circulava no norte do Brasil em 1875, o *Campeão Alemão*⁴. Fora os jornais dos quais fazia parte ou participava com alguns artigos, era através de sua revista que ele ampliava os contatos intelectuais com figuras brasileiras e alemãs⁵. As relações internacionais foram muito importantes para manter a proximidade com diversos textos

³ “Maligno vapor pernambucano” ou “maligno vapor de Pernambuco” é um termo utilizado por historiadores para se referir à aspiração libertária e ao espírito de rebeldia do Estado.

⁴ Cf. ABRÃO, Bernadette Siqueira (org.), *História da filosofia*: Col. “Os Pensadores”, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004. p. 466.

⁵ Cf. BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro, Record, 1991. p. 223. O capítulo de correspondências traz nomes como Carvalho Lima Júnior, Sílvio Romero, Arthur Rolando, Paulo Apfelsdtedt, Richard Lesser, Henry Lange, Fritz Muller, entre outros.

européus. O germanista brasileiro enviava cópias de seu jornal produzido em Pernambuco e recebia alguns textos europeus que circulavam na época, sendo essa, provavelmente uma das maneiras pela qual conseguiu o texto de Nietzsche.

Assim Guizot achou quem dissesse que ele não sabia escrever bem o francês. Strauss, o sábio, o venerado Strauss, encontrou também o Sr. Nietzsche da Basileia que quis provar-lhe a sua ignorância da língua alemã!⁶.

O artigo publicado em *Estudos alemães* é direcionado ao Sr. Rodrigues e foi impresso na *Província do Recife* em 1876, em resposta às críticas da revista *Novo Mundo* ao livro *Ensaio e Estudos de Filosofia e Crítica* de Tobias Barreto. Vale lembrar que o texto nietzschiano a que Barreto se refere é a *Primeira consideração extemporânea*, escrito em 1873. Ou seja, o fundador do movimento intelectual de Recife já tinha conhecimento desse texto que havia sido publicado na Alemanha há apenas três anos, mostrando a proximidade e o avanço do grupo de estudos germânicos de Recife. Antonio Paim, especialista nos estudos da Faculdade de Direito de Pernambuco, também observa essa proximidade excepcional que Tobias Barreto tinha com os círculos intelectuais da Alemanha, além de ler os textos na língua original e não precisar de traduções francesas que eram base de muitas faculdades da época, inclusive das instituições do Rio de Janeiro que competiam com a faculdade nordestina.

6

Deve-se destacar que Tobias Barreto estava bem relacionado com os círculos intelectuais da Alemanha e acompanhava com regularidade e sem grande atraso as publicações que ali se faziam. Basta mencionar que, por volta de 1885, cita num de seus escritos a edição alemã de 1883, de *O Capital*, de Carlos Marx. Conheciam-no e fizeram referências elogiosas à sua obra, entre outros, Ernesto Haeckel e Alberto Lange. Sílvio Romero faz notar que, em 1874, quando Tobias Barreto iniciou um artigo sobre a obra de Eduardo von Hartmann, não havia tradução francesa da *Filosofia do Inconsciente*, nem da obra de Schopenhauer, mencionada no texto com o intuito de ressaltar o conhecimento adquirido por Tobias da língua e do movimento intelectual alemão do período mencionado⁷.

No texto em que o Sr. Nietzsche⁸ é apresentado, Barreto está respondendo a crítica de um redator que o acusa de não patriotismo e ataque a Deus, entre outras coisas. Há inúmeras

⁶ BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro, Record, 1991. p. 152.

⁷ PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981. p. 43.

⁸ Tobias Barreto se refere ao filósofo alemão como o “Sr. Nietzsche da Basileia”, o que mostra a percepção de tê-lo como um de seus contemporâneos, referindo-se a ele como “senhor”, do mesmo modo que utiliza para fazer menção a outros professores e amigos, como o Sr. José Otíctica ou Sr. Rodrigues, por exemplo. Kant, Spinoza ou Schopenhauer não são citados como Sr. Kant, Sr. Spinoza ou Sr. Schopenhauer. A maneira como ele se refere a Nietzsche chamando-o de senhor é muito interessante porque é um hábito francês para se dirigir aos que estão vivos. Nos tempos atuais ainda se referem aos filósofos como senhores na França. Esse é um hábito que percebemos no século XIX no Brasil, mas que depois desaparece. Este dado aponta para uma proximidade não só temporal, mas também de fazer teórico na visão de Barreto acerca de Nietzsche que os aproxima. Isso,

posições contrárias ao estilo e ao conteúdo das obras do professor recifense no artigo, que são refutadas uma a uma pelo mesmo. Publicado na revista *Estudos alemães*, o pensador sergipano aponta o contrassenso do redator que faz acusações e apontamentos ao seu trabalho sem ao menos ter lido nada daquilo que criticou, pois as críticas não possuiriam fundamento e nem sentido histórico, as informações seriam jogadas aleatoriamente e teriam como público-alvo pessoas que nunca ouviram falar em nenhuma das obras ou dos nomes que foram ali citados. Dentre as críticas feitas pelo redator, há a acusação de Tobias Barreto ter chamado o escritor Alexandre Herculano⁹ de ignorante. Na verdade, Barreto diz ter feito apenas um comentário sobre o estilo dele, posições de caráter gramatical, de pureza de linguagem. Nesse momento, o professor da Escola de Recife menciona alguns nomes que também sofreram críticas ao seu modo de escrever e cita Strauss e o Sr. Nietzsche que quis provar a ignorância do primeiro na língua alemã. Tobias Barreto toma uma posição parecida com a de Nietzsche, já que na *Primeira consideração extemporânea* o filósofo alemão aponta a falta de preparo filosófico e a argumentação problemática cheia de falhas de Strauss, o mesmo que Barreto faz em resposta ao redator no artigo publicado em sua revista. Vemos que o primeiro contato do germanista brasileiro se dá em um terreno estilístico em que é analisada e comentada a forma de escrita e o domínio da língua alemã.

7

A temática do estilo é usada por Tobias Barreto para refutar as afirmações do Sr. Rodrigues, no texto em que se encontra a citação mais antiga, já que o pensador sergipano mostra através da leitura de Nietzsche que o filósofo alemão corrobora a crítica dele ao estilo. Em vista disso, considera-se que Barreto o tratava como linguista, uma vez que só faz alusão à crítica de Nietzsche ao estilo e não ao estudo mais amplo das *Considerações extemporâneas*. Independente do contexto em que o nome do filósofo é mencionado, um fato muito interessante é que em 1876 já se tinha o conhecimento de Nietzsche e também que seu escrito tenha sido usado como base de crítica literária. Em alguns países europeus, sua descoberta se dá anos depois. Na França, por exemplo, ele passa a ser conhecido após 1880 através dos círculos wagnerianos e tem sua característica literária ignorada.

Na França, é em meio a um wagnerianismo fervoroso que se dá a descoberta do pensamento de Nietzsche. Embora o mundo literário parisiense continue a

juntamente com o uso do filósofo alemão para rebater o redator que o criticou, nos leva a perceber no breve discurso do professor germânico uma apropriação que visa a corroborar as teses dele.

⁹ Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo (1810-1877), escritor, historiador, jornalista e poeta português da era do Romantismo.

ignorar suas ideias, ele passa a ser conhecido nos círculos wagnerianos durante as décadas de 1880 e 1890¹⁰.

Outro dado importante é que o conhecimento de Nietzsche antecede a publicação de *Assim falava Zaratustra*, asseverando ainda mais o nível de relação que Barreto tinha com o pensamento alemão. Essa obra nietzschiana é produzida em 1883-1885, quase dez anos depois da citação no Brasil. Isso deve ser destacado, porque a obra citada acima é uma das responsáveis por difundir os textos nietzschianos fora da Europa. A leitura brasileira aponta não só o contato com o material de Nietzsche antes dos estudos rigorosos feitos por Colli e Montinari¹¹, mas também para uma leitura quase simultânea com as primeiras que ocorreram na Europa. Vemos no Brasil um contato que se dá ao mesmo tempo em que acontecem as primeiras apropriações alemãs, já que o filósofo de Sils Maria passa a ser pesquisado de forma intensa somente depois de seu colapso de 1890.

O conhecimento do filósofo alemão não se restringe a Tobias Barreto, percebemos que o conhecimento dele não foi algo isolado, restrito somente à leitura de Barreto, já que teve repercussão com os alunos do professor e com os estudantes vindouros. Tendo como base que Tobias Barreto era o germanista da faculdade pernambucana e responsável por trazer textos de diversos autores alemães, nota-se o modo como os alunos se relacionam com os textos de Nietzsche no depoimento de Gilberto Amado, que estudou na turma de 1905. No trecho citado, o filósofo alemão é tido como ponto de passagem para Goethe, um guia que encaminha os alunos a um novo autor, conduzindo os estudantes para a literatura alemã, corroborando a ideia de um Nietzsche de Tobias Barreto que remete à literatura presente nos alunos dele.

Em Pernambuco líamos tudo. Prosseguíamos na reta do darwinismo e do haeckelismo seguindo os autores franceses, ingleses, italianos que entravam em circulação, mas sem tomar a peito o transformismo, sem formar batalhão. Nietzsche nos levava a Goethe¹².

Há diversas passagens que relacionam Nietzsche à arte literária e ao movimento anarquista nos escritos de José Oiticica, isso acontece porque Nietzsche foi utilizado diversas vezes em lições e exemplos no curso de literatura e estilo, escrito e ministrado pelo professor

¹⁰ MARTON, Scarlett. *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009. p. 21.

¹¹ Giorgio Colli e Mazzino Montinari são os responsáveis pela edição crítica das obras de Nietzsche que se tornou o padrão acadêmico para estudo e pesquisa. Colli e Montinari revisaram e compilaram as obras e cartas do filósofo de Sils Maria, assim como desfizeram as manipulações utilizadas em alguns textos, como o do livro *Vontade de Potência* que nunca existiu, tendo sido apenas forjado pela irmã de Nietzsche.

¹² MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)*, v. 5 – São Paulo: T. A. Queiroz, 1996. p. 250.

mineiro pupilo de Barreto. O autor de *Assim falava Zarathustra* é uma referência muito importante e de altíssimo nível sobre os assuntos tratados. As lições apresentadas na obra *Curso de literatura* foram organizadas postumamente pelo pesquisador Roberto das Neves¹³ e fazem parte do momento em que Oiticica era professor catedrático de literatura no colégio Pedro II¹⁴, o que se deu a partir de 1916. A obra com as trinta e quatro lições compiladas também possui alguns textos que foram publicados em folhetim no jornal *Ação Direta*. No registro do que seria exposto e seguido nas aulas, pode-se perceber que o estilo é uma das características mais relevantes para Oiticica, diversas lições, mesmo as que não tratam especificamente do assunto, sempre circulam em torno da importância do estilo na composição de um trabalho.

O primeiro momento em que há uma menção a Nietzsche de forma explícita está na segunda lição do *Curso de literatura*; a lição se chama *Condições para aquisição do estilo artístico: aptidão, ambiência, estudo, prática, crítica e autocrítica*. Nesta lição, Oiticica traz Nietzsche na seção em que aponta as condições para adquirir estilo. A arte depende do afinco do indivíduo, ele precisa se empenhar em praticar, ter vigor no labor artístico que depende de inúmeros exercícios e não de uma virtude de nascença. Nietzsche é empregado como um modelo de escrita perfeita, descrito como um escritor excepcional.

9

José Oiticica considera que pode acontecer, em raras exceções, da prosa ser bem ritmada como acontece na obra do autor de *Assim falava Zarathustra*. Asseverando novamente uma relação particular com o filósofo, ele não é colocado somente como um dos maiores escritores e portador da maior parte dos exemplos do belo artístico, mas também como uma exceção que produz efeitos onde nenhum outro escritor consegue atingir.

Em 1954 Oiticica publica o livro *Fonte perene*, em que reúne diversos sonetos que escrevera ao longo da vida. A obra é dividida em capítulos e cada parte do livro recebe um nome, um tema que vai ser o núcleo das composições ali escritas. Um dos capítulos do livro se chama “Assim falou...”, referência direta à obra *Assim falava Zarathustra*. Nessa parte do livro, o escritor mineiro escreve sobre um novo tipo de homem, uma estirpe que faz ligação

¹³ Roberto das Neves é responsável por coligir e revisar os textos do Curso de Literatura de José Oiticica, na edição lançada em 1960 pela Editora Germinal. Nessa edição há um breve texto de Neves explicando a biografia do livro. O curso de literatura começou a ser redigido em 1915, embora Oiticica entre para o Colégio Pedro II somente em 1916.

¹⁴ Instituição tradicional do Rio de Janeiro, nomeado em homenagem ao imperador do Brasil Dom Pedro II. O colégio ficou famoso por ter em seu plano educacional a formação de uma elite nacional. Entre professores ilustres encontramos Antônio Gonçalves Dias, Euclides da Cunha, Heitor Villa-Lobos, Manuel Bandeira, Sílvio Romero, entre outros.

direta ao além-do-homem nietzschiano. No soneto Modelo o próprio título da composição pode ser considerado uma referência ao arquétipo de homem que o poeta enfatiza. Os quatro primeiros versos fazem referência ao último capítulo da primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, em que Zaratustra diz aos solitários que um dia formarão um povo. Oiticica utiliza o mesmo termo que Nietzsche, Boas-novas, para dizer que essa notícia alcançará ouvidos delicados e que desse povo eleito nasceria o Além-do-homem.

Se queres que outros creiam, crê primeiro,
 Faze-te Boa-Nova e acenda-a em ti.
 Só terás gestos e aura de pioneiro
 Se tua alma fôr surto e frenesi.

Quem deseja arrastar ao seu outeiro
 Tribos sem deus precisa ser David,
 Ter uma harpa, ter juntas um guerreiro,
 Saber cantar e combater por si.

Sê mais tu, mas alguém, mais punho rude,
 O sem par, o sozinho, o último, o Herói,
 O que põe no melhor toda a virtude.
 Torna-te exemplo... o exemplo é que constrói!
 Finge até que o teu sonho não te ilude
 E que a tua amargura não te dói¹⁵.

Outro aluno da Escola de Recife que traz diversos registros citando o filósofo alemão é Gilberto Amado que publica em 1955 *Minha formação no Recife* em que descreve suas descobertas e a caminhada na Escola pernambucana, a obra sobre suas memórias traz o percurso de 1905 a 1912. O livro que retrata essa jornada de aprendizagem é dividido em cinco partes e cada uma delas se refere a um ano de formação. Os anos de estudo em Recife são divididos em subcapítulos, neles aparecem os momentos de descoberta intelectual do autor com várias obras, entre elas, a de Augusto Comte, Euclides da Cunha e Emmanuel Kant.

¹⁵ OITICICA, José. *Fonte Perene*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954. p. 139.

Em meio aos inúmeros resgates feitos pelo aluno recifense, no capítulo sobre o segundo ano de formação há um subcapítulo dedicado somente a Nietzsche.

Como veremos nas referências e na apreciação de Amado, o filósofo alemão assume grande importância no decorrer de sua vida, impactando nas ideias e nas perspectivas sobre o seu método de estudo, a seleção de autores a serem lidos, na forma como passa a ver a história da filosofia e nas reflexões que faz sobre seu tempo, sobre o Brasil. O registro que nos chama muito a atenção está no final do subcapítulo anterior ao de Nietzsche, intitulado “Os livros me tapavam a vista”, nesse momento Amado escreve sobre autores que tomaram conta de sua existência. “Minha vida não me pertencia. Os autores tinham-se dela apoderado, gritavam dentro de mim, mais alto, com mais força do que os rapazes com quem conversava, as mulheres que procurei, os exames e os discursos que fiz”¹⁶. Esse era o segundo ano de faculdade, um momento que não passava de leituras e viver rotineiro, sem companhia de colegas ou conversas em café, sem saídas noturnas, nada disso tinha mérito de ser assunto importante. “Assunto não se procura, impõe-se. Bate-nos na caneta, diz-nos ao espírito: aqui estou. Às vezes com insolência, descaridosa, cruelmente, força-nos a saltar da cama, de noite, para atender-lhe à pressão obsedante”¹⁷. Em meio a toda essa aflição que atinge Amado, em 1906 o autor ultrapassa sua condição, nesse ano “iria desaparecer o farmacêutico, o professorzinho de química, o coletor de conhecimentos de carga”. Para essa nova fase, ele destaca um fato fundamental para sua vida acadêmica, arremata o parágrafo final da subdivisão do capítulo trazendo Nietzsche como um ponto significativo de transição de seus estudos. “O ano de 1906 ia findar [...]. Antes, porém, um fato fundamental: a chegada ao Recife dos livros de Nietzsche”¹⁸.

Nietzsche foi indispensável e estimulante para os estudantes do Recife, pois trouxe uma nova visão para os leitores, fazendo-os interrogar novamente os grandes pensadores e os clássicos lidos na etapa de formação. Não é por acaso que Nietzsche é trazido após o subcapítulo “Os livros me tapavam a vista” já que ele faz com que Gilberto Amado revisasse seu material de estudo, lançando uma nova perspectiva sobre o que tinha lido a respeito da filosofia de modo geral. Nas palavras de Amado, vemos que é conferido um “poder tônico” aos escritos de Nietzsche, sendo descrito como uma “droga poderosa, uma substância mágica”

¹⁶ AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958. p. 143.

¹⁷ *Ibidem*. p. 145.

¹⁸ *Ibidem*. p. 145.

que muda a perspectiva de mundo e os caminhos na busca do conhecimento. Ele é vivificante e multiplicador de forças, impulsionando jovens ao caminho do conhecimento e aguçando os olhos e os ouvidos, fazendo o leitor quebrar os limites até então impostos por outros intelectuais, faz do impossível algo possível, tirando o espírito do estado neutro e o lançando a auroras imprevisíveis e claridades inesperadas.

Mas para mim neste livro considero indispensável frisar antes de tudo o papel estimulante que a um jovem como eu, que começava a enveredar pelos caminhos do conhecimento, Nietzsche exerceu. Nenhum tônico mais vivificante do espírito, mais multiplicador de forças. Droga poderosa que aguça a vista, faz ouvir mais, quebra os limites da vida neutra e nos transporta a um plano em que o impossível se torna possível. Substância mágica que abre ao espírito auroras imprevisíveis e estende entre as coisas claridades inesperadas. Com ele, o tempo interroga de novo¹⁹.

Referências

- ABRÃO, Bernadette Siqueira (org.), *História da filosofia*: Col. “Os Pensadores”, São Paulo: Editora Nova Cultural, 2004.
- BARRETO, Tobias. *Estudos Alemães*. Rio de Janeiro, Record, 1991.
- AMADO, Gilberto. *Minha Formação no Recife*, 2º ed. – Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1958.
- MARTINS, Wilson. *História da Inteligência Brasileira (1897 – 1914)*, v. 5 – São Paulo: T. A. Queiroz, 1996.
- MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.
- _____. *Nietzsche, um “francês” entre franceses*. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- OITICICA, José. *Fonte Perene*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- PAIM, Antonio. *A filosofia da Escola do Recife*. São Paulo: Editora Convívio, 1981.

¹⁹ Ibidem. p. 153-154.